

Criatividade e governança na cidade. A conjugação de dois conceitos poliédricos e complementares*

Creativity and governance in the city. The conjugation
of two complementary polyhedral concepts

João Seixas
Pedro Costa

Resumo

Este texto foi desenvolvido no âmbito de um projeto de investigação que procura observar e interpretar formas e fluxos de governança (sociopolítica e cultural) associadas a dinâmicas criativas nas cidades. Resulta de um trabalho de reflexão teórica e crítica em torno de conceitos de base (criatividade, vitalidade e governança na cidade) e da projeção empírica de tais perspectivas em 3 territórios metropolitanos: Lisboa, São Paulo e Barcelona. Identificam-se as diferentes perspectivas em torno dos conceitos e respectivas dinâmicas de complementaridade e de conectividade entre eles; mas também as condições estruturantes e metabólicas para o desenvolvimento sustentado de criatividade na cidade de hoje, quer no que concerne às suas configurações espaciais/geográficas, mas também aos ambientes socioculturais e económicos associados. Equacionam-se ainda formas de promoção e de apoio público e privado da criatividade urbana, discutindo-se estratégias políticas e processos de governança para a sua potenciação.

Palavras-chave: criatividade; governança urbana; vitalidade urbana.

Abstract

This text was based on a research project that observed and interpreted forms and flows of socio-political and cultural governance associated to urban creative dynamics. It results from a theoretical, critical reflection focused on basic concepts – namely, creativity, vitality and governance in the city – and from an empirical projection of such perspectives in three metropolitan territories – Lisbon, São Paulo and Barcelona. Different perspectives are identified regarding the concepts and respective dynamics of complementarity and connectivity among these; and also the structuring and metabolic conditions for sustained development of creativity in the contemporary city, whether with regard to spatial/geographical configurations, or to associated socio-cultural and economic spheres. Furthermore, forms of public and private promotion and support for urban creativity are raised, leading to discussion of political strategies and governance processes for its potentiation.

Keywords: *creativity; urban governance; urban vitality.*

Introdução: enquadramento conceptual e metodológico

A noção de cidade criativa tem-se disseminado fortemente na academia nos últimos anos, estando também crescentemente presente nos discursos e esferas de atuação pública sobre os espaços urbanos, às diversas escalas, das grandes instituições internacionais (UE, OCDE, ONU) aos governos locais, nos mais variados países. A relação entre criatividade e promoção do desenvolvimento urbano, o reconhecimento do peso e da importância das atividades culturais e criativas na promoção econômica e no desenvolvimento territorial, ou a busca da competitividade pela via da captação da famigerada “classe criativa” têm sido algumas das variantes mais destacadas desse interesse, traduzidas em abordagens e perspectivas múltiplas sobre essa questão (veja-se a esse propósito Costa et al., 2007 e 2008).

Apesar desse renovado interesse e de toda(s) a(s) retórica(s) em torno do papel da criatividade no desenvolvimento das cidades e das regiões, o que é fato é que a relação entre atividades culturais/criativas e território, numa perspectiva bem mais ampla, tem várias e mais remotas origens e há muito tem vindo a ser estudada (ibid.). As novas abordagens em torno das cidades criativas apenas as vieram evidenciar e trazer para o centro da análise e do discurso acadêmico, mas também da prática política.

Pelo menos três grandes vertentes distintas podem ser destacadas na exploração dessa relação entre criatividade e promoção do desenvolvimento urbano: 1) a ideia da necessidade de criatividade nos “instrumentos”

para o desenvolvimento urbano, ou seja do desenvolvimento de ferramentas e soluções criativas associadas aos novos contextos socioeconômicos e culturais; 2) o foco nas atividades e setores criativos (muitas vezes assimiladas, com maior ou menor abrangência às atividades culturais) como uma base estrutural do próprio desenvolvimento urbano (na perspectiva de que as atividades culturais e criativas¹ têm um papel fundamental nas sociedades e economias atuais, e como tal devem ser uma das prioridades políticas de desenvolvimento urbano; e finalmente, 3) a defesa da necessidade de atrair e sustentar atividades e competências criativas e baseadas no conhecimento e na inovação.²

Seja na vertente mais pragmática e *policy-oriented* de autores como Landry, Matarazzo, Fleming ou outros (que exerceram uma influência decisiva através de instituições como a COMEDIA, o DCMS, o NESTA ou outras, posteriormente repercutidas um pouco por todo o mundo); seja no discurso mais mediatizado (mas também muito questionado na academia, não obstante a sua enorme influência) de autores como Richard Florida ou John Howkins; seja ainda através das análises mais acadêmicas sobre cidades e criatividade e sobre indústrias culturais e criativas de autores de proveniências e áreas tão distintas como Franco Bianchini, Justin O’Connor e Derek Wynne, Andy Pratt, Klaus Kunzmann, Richard Caves, Allan Scott, Michael Storper, Peter Hall, ou Ann Markusen, entre muitos outros, essas ideias foram-se sedimentando ao longo dos anos 90, traduzindo-se numa progressiva aproximação de perspectivas e discussões havidas em campos como os da economia e da sociologia da cultura, da geografia econômica, da economia

industrial e da inovação, da geografia urbana, dos *cultural studies*, ou do planejamento urbano, em temas como, p.e., a atuação sobre o desenvolvimento urbano, as políticas culturais, o papel econômico da cultura, a integração social pela cultura ou a multiculturalidade e o diálogo intercultural.

O reconhecimento, nos últimos anos, por múltiplos relatórios desenvolvidos por instituições internacionais (p.e., OCDE, 2005; CE/KEA, 2006; UNCTAD, 2008) veio dar uma maior visibilidade e sobretudo uma legitimação pública progressiva a essas atividades, à qual acresceu, em paralelo, uma forte divulgação de experiências de sucesso, um pouco por todo o mundo, de dinâmicas territorializadas baseadas na criatividade e atividades criativas (cf. Rato et al., 2009; Costa et al., 2009).

Entre outros fatores, uma questão de fundo parece destacar-se nessa afirmação da retórica das cidades criativas face às formas mais tradicionais de pensar e atuar sobre a cidade e a cultura. A par de um nítido desconforto em relação às (insatisfatórias) formas de análise e de intervenção mais convencionais, com um caráter fortemente disciplinar e setorializado (a atuação na cultura, no urbanismo, na economia, na inovação, na inclusão social), afirmava-se com o discurso das cidades criativas a possibilidade de assumir e desenhar intervenções mais transversais, que ultrapassassem as velhas dicotomias e conflitos em termos de domínios e formas de atuação (p.e., economia vs cultura; público vs privado; efêmero vs permanente; local vs global). Isso (a par da grande atratividade política do tema) permitiu ensaiar soluções (políticas, institucionais, de governança) também elas criativas e inovadoras para fazer face às novas realidades urbanas

e às dificuldades das formas de atuação mais tradicionais.

Mas em paralelo a essa discussão sobre as cidades criativas, o debate em torno da criatividade e dos fatores que lhe estão subjacentes prossegue também com particular dinamismo, em diversas áreas disciplinares (Costa et al., 2007). Uma questão fundamental emerge aqui, com a discussão entre uma visão tradicional de criatividade como algo de decorrente do gênio individual (natural ou transcendental), e a visão da criatividade como um processo socialmente bem situado e marcado (na senda de contributos autores em campos tão diversos como Margaret Boden, Mihaly Csikszentmihalyi, Pierre Bourdieu ou Allan Scott). Esta é, aliás, uma vertente particularmente interessante na relação entre a geração de certos ambientes ou “meios” urbanos e o seu papel fundamental no desenvolvimento da criatividade urbana.³

Não sendo aqui o local para aprofundar a discussão destas questões (veja-se, para maior detalhe, Costa et al., 2007, e Seixas, 2008), importa, no entanto, salientar a distinção entre dois planos de discussão diferenciados (mas cruzados e usualmente confundidos) que têm marcado esse renovado interesse pela criatividade na promoção do desenvolvimento territorial, nas suas diversas dimensões: um nível de análise consiste em encarar a criatividade como algo de transversal à economia e sociedade (e à vida urbana), assumindo-a como uma fonte potencial de criação de valor nas economias atuais, transversalmente a qualquer setor econômico; um outro nível de análise distinto, pelo contrário, consiste (como frequentemente tem sido feito neste ressurgir do interesse pela criatividade) em focar o olhar apenas naquilo que têm sido consideradas “atividades criativas”

(com maior ou menor abrangência, a partir da noção das indústrias culturais e criativas). Porém, embora se possa reconhecer que o peso das atividades “criativas” poderá ser maior nesses enfoques, o mínimo que se pode dizer é que a criatividade, naturalmente, não começa nem se esgota necessariamente nesses âmbitos e seus respectivos espaços e fluxos mais diretos. Temos assim abordagens paralelas, de certo complementares, mas importará ter presente essas distinções ao falarmos da criatividade urbana (bem como ao tentarmos mapear os múltiplos conceitos associados – classes/atividades/indústrias criativas/culturais – que têm florescido) justamente para evitar cair nos muitos equívocos que tais noções – e suas políticas decorrentes – têm gerado.

Foi tendo em conta todo esse quadro, e considerando todo esse crescente interesse e potencial (a par da ainda considerável falta de clareza em torno dos diversos conceitos, perspectivas de interpretação e de ação, e mesmo das consequências e impactos decorrentes das ações sociopolíticas que têm sido desenvolvidas nesse âmbito) que se estruturou o projeto de investigação *Creatcity* (“Uma cultura de governança para a cidade criativa: vitalidade urbana e redes internacionais”). Esse programa de investigação assenta, justamente, numa discussão sobre a criatividade urbana (e consequentemente em conceitos como o de “bairro” ou “cidade” criativa), procurando identificar formas e canais de governança que possam proporcionar estratégias de coesão e de desenvolvimento urbano assentes na criatividade – e vice-versa.

O projeto combina uma forte dimensão conceptual com uma abordagem empírica a dinâmicas urbanas e mecanismos de governança

muito concretos, incluindo a análise das estratégias de atuação e o desenvolvimento de 10 estudos de caso em 3 áreas metropolitanas: Lisboa (Portugal), Barcelona (Espanha) e São Paulo (Brasil).⁴ Este artigo decorre de uma primeira parte desse estudo, sendo resultado da análise de um conjunto de entrevistas exploratórias que foram realizadas a um núcleo de atores-chave no pensamento e na ação sobre a cidade contemporânea (decisores políticos, estruturas oficiais e atores da sociedade civil) dessas 3 áreas metropolitanas.

No total, foram realizadas 22 entrevistas exploratórias no conjunto das três cidades: Lisboa (10 entrevistas), São Paulo (6) e Barcelona (6). A escolha dos entrevistados procurou abarcar uma diversidade de intervenientes na esfera da ação e da governança em torno dos temas em questão: selecionaram-se atores ligados à administração pública local (municípios, ayuntamentos, prefeituras); atores decisivos no pensamento em torno da cidade (no urbanismo, no desenvolvimento econômico e/ou social, nas relações internacionais); atores institucionais e governamentais dos níveis central, regional ou federal; bem como estruturas empresariais direta ou indiretamente ligadas ao desenvolvimento urbano. Auscultaram-se ainda consultores de desenvolvimento urbano, de políticas públicas e de indústrias criativas, bem como instituições com atividade direta na produção e organização de atividades culturais. Em Costa, Seixas e Roldão (2009) pode ser consultado um breve enquadramento das entrevistas exploratórias consideradas nesta análise, cuja respectiva listagem se apresenta no Anexo 1. O trabalho de campo foi realizado nas 3 metrópoles em períodos distintos, entre 2008 e 2009. As entrevistas basearam-se num

conjunto de questões em torno dos seguintes tópicos:

- Perceber onde e sob que formas se percebe a criatividade na cidade respectiva;
- Discutir e articular as noções de criatividade, vitalidade e competitividade urbana;
- Discutir em que condições (físicas, econômicas, culturais, sociais, ...) melhor se poderá desenvolver a criatividade nas cidades;
- Discutir que tipo de intervenção pública poderá potencializar a criatividade;
- Sugerir potenciais estudos de caso e experiências interessantes para análise mais detalhada nessa cidade.

Conceitos de base: vitalidade, competitividade e criatividade na cidade

Uma das linhas de análise prosseguida centrou-se na identificação das leituras que os atores fazem dos três conceitos principais do projeto – vitalidade, criatividade e competitividade – e da forma como analisam as relações entre estes. Conceitos que forma, em simultâneo, alvo de debate no seio da equipa, estabilizando-se um conjunto de noções operativas (cf. Seixas, 2008, Costa et al., 2007), assim confrontadas com as percepções dos inquiridos.

A vitalidade urbana

A vitalidade de um território urbano é um conceito que nos coloca nas dimensões da dinâmica, da energia, do movimento. As componentes que estruturam e produzem dinâmica ou

energia urbana são, por conseguinte, elementos de base para a afirmação e a qualificação de qualquer território urbano – desde a fundação das primeiras cidades até hoje (Guerra et al., 2006). Assim, uma área urbana (re)vitalizada poderá caracterizar-se por conseguir gerar (e conseguir sustentar) uma determinada densidade e diversidade de fluxos ao nível das suas atividades e das suas transações (Seixas, 2008).

Com efeito, a existência em determinado contexto/escala urbana, de níveis elevados e diversos de atividades (exigindo residência, habitabilidade, trabalho, cruzamento, relação), bem como de elementos que as viabilizem e sustentem (tais como normas e valores de cidadania, regras de regulação), mostram-se centrais na promoção da vitalidade econômica (investimento, emprego), vitalidade social (vivências, espaços e fluxos públicos) e vitalidade cultural (representações, identidades). Em paralelo, essa vitalidade, nas suas múltiplas dimensões, requer igualmente uma forte capacidade (ou disponibilidade) transaccional entre os diversos atores urbanos, expressa em trocas de âmbito econômico (consumo, transação de propriedades), social (relações, compromisso e participação) e cultural (redes, trocas de formação e ideias). Finalmente, são ainda decisivos determinados níveis de densidade e de diversidade dessas atividades e transações: nas esferas econômica, social e cultural.

As respostas dos nossos entrevistados apontaram para uma forte ligação entre os conceitos de criatividade e de vitalidade urbana, associando criatividade a pressupostos de dinamismo, de densidade e a um grande número de eventos e acontecimentos (em especial os de pequena escala, bem mais potenciadores de dinâmicas criativas do que os de grande).

Essas percepções são particularmente valorizadas no caso de dinâmicas territoriais específicas de certas áreas da cidade, nomeadamente nos denominados “bairros culturais” identificados pelos entrevistados, bem como em dinâmicas mais pontuais de ocupação de áreas degradadas ou abandonadas. Foi também referido o potencial da criatividade urbana e de atividades criativas na vitalização tanto de zonas extensivas atualmente desativadas (portuárias, industriais), bem como de zonas mais suburbanas ou bairros mais “normais” das cidades.

A competitividade urbana

O conceito de competitividade foi entendido de forma ampla pela equipa, não sendo partilhada uma visão redutora exclusivamente associada a um conjunto de meras vantagens competitivas estáticas. A noção de competitividade territorial, em particular, foi encarada como a capacidade de um espaço oferecer qualidade de vida e bem-estar aos seus “cidadãos”, permitindo-lhe assim sustentar, justamente, atividades e dinâmicas de desenvolvimento diferenciadoras face aos outros territórios (fixando residentes, criando emprego, garantindo amenidades e qualidade de vida, em simultâneo assegurando a sustentabilidade dos recursos e ainda garantindo vínculos socioculturais tais como a participação cívica e a identidade cultural). Nesse quadro, a noção de competitividade tem de ser encarada à luz de eixos de reflexão distintos do habitual (Seixas, 2008): é um conceito complexo referenciado a um “processo” e não uma noção simplesmente associada a um “estado”; pode ser colocada

a diferentes dimensões e áreas de diagnóstico, de comportamento e de intervenção (da “empresa” à “indústria”, da “cidade” à “região” ou ao “sistema urbano”); é uma noção relativa e comparativa por excelência, obrigando a um tratamento relativamente exigente do “tempo”; assenta (também ela) na pluridimensionalidade, resultante de processos económicos, socioculturais e políticos complexos, não devendo como tal ser retratada por indicadores simplificados ou parcelares.

Na larga maioria das entrevistas, a competitividade (entendida de forma muito variável e não poucas vezes de forma ideologicamente muito marcada) não foi em geral vista como uma mais-valia para as cidades. Contrariamente à relação que se percebe existir entre vitalidade e criatividade, no caso da competitividade muitas respostas não apontaram para uma correlação positiva. No entanto, grande parte dos entrevistados concorda que a promoção da criatividade na cidade promove igualmente a sua sustentabilidade e a sua competitividade.

A criatividade urbana

Procurou-se finalmente perfilar as percepções dos atores urbanos relativamente à multiplicidade de dimensões em torno do conceito de criatividade (Kunzmann, 2004), bem como da sua correspondente aplicação à cidade e incluindo as variadas noções e denominações a esse respeito (criatividade urbana, cidade criativa, espaços criativos, atividades criativas, indústrias criativas, meios criativos). Essa multiplicidade conceptual tem sido profusamente discutida pela equipa do projeto (Costa et al., 2008; Costa, 2008; Seixas, 2008), partindo de

noções aparentemente mais consensuais no meio acadêmico (embora também em questionamento e crítica),⁵ equacionando-se vetores fundamentais para a sua própria interpretação nos espaços urbanos. Como notam Costa et al., (2007) importa atender às diversas dimensões apontadas por Boden (1990) em relação a esta questão: a criatividade (seja ela mais fundamental ou “incremental”) contém seguramente algo de novo, de inovador – e de valorizável. É de destacar aqui o papel do reconhecimento social e da legitimação/valorização social da criatividade (só se “é” criativo se se for reconhecido como criativo)⁶. Esse reconhecimento não é universal e é socialmente marcado e determinado, o que nos remete para aspectos fundamentais na organização do espaço urbano e na estruturação espacial das “atividades criativas” (Scott, 2006; Costa, 2008), nomeadamente alguns fatores relacionados com a aglomeração e a criação de meios e ambientes específicos, fundamentais para o surgimento (e reconhecimento) da criatividade (veja-se a esse propósito Costa et al., 2007; Costa, 2008). Foi esse entendimento que foi fazendo gradualmente a equipa ir substituindo a utilização do conceito de “cidade criativa” ou outros conceitos paralelos pelo conceito de “criatividade urbana”, adotando-o como central e formulando-o assumindo essa diversidade de fatores iminentes ao surgimento de algo novo, inovador e socialmente valorizável, em contexto urbano. Tendo como centro da análise as atividades “culturais e criativas”, assumimos um conceito de criatividade urbana que engloba assim as dinâmicas criativas mais fortemente territorializadas bem como as expressões mais intangíveis e difusas da criatividade nas cidades (cf. Costa et al., 2007).

Identificada como relativamente “recente” pela generalidade dos atores entrevistados, a preocupação com a criatividade urbana parece-lhes estar bastante ajustada a um contexto contemporâneo, subvertendo esse conceito as “categorias clássicas” e popularizando-se por isso mesmo. Corresponde à entrada de novas influências na discussão sobre a cidade e implica uma renovação no pensamento sobre o urbano.

No entanto, as noções enunciadas sobre criatividade urbana são bastante distintas e adotam diferentes pontos de vista, o que será natural face à dispersão de conceitos nessa área. Para muitos dos entrevistados, a criatividade urbana é resultado de atividades e projetos coletivos que acontecem na cidade, ou seja, corresponde ao somatório de tudo, e não apenas a grandes intervenções ou grandes empreendimentos. Para outros, a criatividade está intrinsecamente relacionada com as pessoas (e não tanto com as cidades) e implica a participação pública nos processos sociais (chegando, no caso de algumas entrevistas, sobretudo em São Paulo, a ser muito associada a uma dimensão “cultural” e identitária da população local, eventualmente ligada às necessidades permanentes de combate às dificuldades da vida quotidiana). Noutros casos, ainda, são abordadas ambas as perspectivas, assumindo-se que a criatividade se expressa precisamente pelo conjunto destas duas: uma dimensão pessoal, e uma mais coletiva e ligada à cidade e a um planeamento coletivo (sobre isso, é referido que uma cidade melhorada atrai indivíduos e criatividade).

A aproximação do conceito de criatividade ao imaterial e intangível é também referenciada, surgindo assim uma definição mais

abstrata, que não corresponde a espaços específicos nem a bairros ou zonas criativas: uma criatividade imaterial, leve, flexível, associada a comportamentos ou campos de ação. Por seu lado, um outro tipo de respostas define o conceito através dos setores em que se expressa: na inovação da indústria e nas empresas, na investigação científica, na tecnologia ou na educação. Mais imediata e frequente ainda é a clara ligação da criatividade à cultura e à arte (embora não assumida em geral como exclusiva). Por fim, alguns entrevistados remetem para a sua multidimensionalidade (urbana, comercial, artística), apelando para a necessidade de cruzamento entre essas dimensões.

Na prática, em paralelo a uma certa desconfiança em relação à forma como a retórica das cidades criativas tem sido lançada nalguns países, percebe-se em geral um desconforto com a excessiva colagem às etiquetas de atividades “culturais” e mesmo “criativas (em sentido mais amplo)” e uma necessidade de identificar criatividade urbana com algo de transversal à sociedade e à economia atual (remetendo para novas formas de atuar, produzir, organizar, intervir, consumir), e portanto também transversal à cidade e à atuação pública que sobre ela se pode desenhar.

O(s) lugar(es) da criatividade na cidade contemporânea

Após diversas décadas de metropolização contínua, sucede hoje em dia uma simultaneidade de tendências diversas de produção e de reprodução urbana. Simplificando em duas tendências – um exercício reconhecidamente redutor:

se por um lado (e mesmo que sob formas mais indelévels após a crise financeira de 2008/09) prosseguem os movimentos de “emergência urbana” e de contínua metropolização, estruturados cada vez mais por lógicas de tempo (de retorno de investimentos e de quotidianos de consumos, essencialmente) que de espaço (não obstante, alterando este de forma profunda); por outro lado vão-se reforçando uma série de tendências de requalificação (e de revitalização, processo bem distinto) de algumas malhas urbanas morfologicamente consolidadas. Afirmam-se, de qualquer modo, novas metaestruturas espaçotemporais, onde os comportamentos das velhas variáveis-chave de localização se desdobram de forma cada vez mais espectral e relativizante (Storper e Manville, 2006).

As teorias (e as práticas) das escolhas urbanas, para indivíduos e empresas – que, supostamente, precedem as teorias (e as práticas) de produção urbana – são hoje muito distintas. Diversas questões se colocam. Serão próximos ou antagônicos os pressupostos para as escolhas urbanas inerentes aos movimentos de revitalização, e por outro para os movimentos de contínua metropolização de escala regional? Como desenvolver estruturas de análise espaçotemporal mais sistêmicas, que permitam apoiar uma melhor interpretação e ação em torno das atuais dinâmicas de evolução urbana e protourbana? E, no que aqui mais nos concerne, que efetivos lugares e processos condicionantes e/ou catalizadores da criatividade – e da (expectante e) conseqüente sustentação de inovação, de emprego, de inclusão e de riqueza – na cidade?

Florida (2002) propôs, nesses âmbitos, que as prioridades das políticas urbanas

deveriam passar sobretudo pela qualificação dos ambientes e das amenidades urbanísticas, culturais e sociais de territórios seletivos, por forma a que as classes mais criativas desejem viver e trabalhar em tais locais. Essa é uma visão sustentada em função de uma forte interligação habitat-trabalho, e de uma qualificação urbana discricionária e de alto nível, crendo em poderosos efeitos catalisadores para as restantes áreas da metacidade.

Muito atrativa para múltiplos decisores políticos, pela objetividade que permite comportar, essa é no entanto uma perspectiva que coloca fortes questionamentos, se não mesmo viva oposição em crescentes setores (Hoyman e Faricy, 2009; Peck, 2005). Por um lado, pela postura de discricionariedade socioterritorial (e conseqüente secundarização de outros espaços-tempo urbanos), com doses elevadas de incerteza nos esperados efeitos de *crowding-out* localizado. Colocam-se amplas dúvidas se a presença de “classes criativas” (a própria noção destas levanta crescentes dúvidas) num determinado meio urbano induzirá necessariamente um desenvolvimento socioeconômico de médio ou largo espectro territorial. Por outro lado, e embora Florida pressuponha uma redução ao máximo de “barreiras à entrada” nos mais diversos espaços da cidade (incluindo os eleitos *a priori* como mais criativos) os efeitos reais e simbólicos de novos tipos de pressões (notavelmente, nas rendas urbanas), dificultam a democratização dos acessos e oportunidades. O próprio Florida tem importantes dúvidas face a um possível aumento das desigualdades socioespaciais, num período médio-longo, que em certa medida compara às primeiras décadas do anterior paradigma industrial.

Investigação empírica de largo espectro e consideravelmente recente (Musterd, 2006) parece comprovar que, em diversas cidades europeias, os territórios mais criativos estão consideravelmente conectados a uma variedade social e funcional – o que parece receita bem clássica, na verdade. Porém, após determinados períodos de incubação, esses territórios começam a sofrer pressões de localização por aumento do seu capital simbólico, afirmando-se paulatinamente tendências “gentrificadoras”, potenciando assim a segregação socioeconômica na cidade. Mas também aqui surgem reticências, parecendo algumas dessas perspectivas ser mais normativas que objetiva e cientificamente comprovadas.

Foi também perante esses interessantes paradoxos, consolidados entre um crescente reconhecimento dos lugares da criatividade urbana na epistemologia do desenvolvimento, e as igualmente crescentes dúvidas que se instalam nos respectivos debates, que se desenvolveu este projeto, e que, justamente, se colocaram as suas primeiras inquirições. Daí que, na primeira questão colocada nas entrevistas exploratórias – como se sente e onde se vê, hoje, a criatividade numa cidade, e em particular, na sua cidade-metrópole – tenha surgido já como natural que as respostas se dirijam por um amplo espectro de perspectivas face aos tipos de agentes, de lugares e de tempos urbanos julgados mais propiciadores à criatividade na cidade de hoje. Da mesma forma, igual ordem de transversalidade de opiniões surgiu face à sustentabilidade espaçotemporal das múltiplas atividades criativas urbanas referidas.

A análise das respostas a essa primeira questão originou um padrão de 6 tipologias distintas (Quadro 1).

Quadro 1 – Tipologias e casos mais referidos de espaços e processos de criatividade urbana (de acordo com as entrevistas realizadas nas 3 metrópoles)

Metrópoles vs. Tipologias de espaços e processos para a CU	Lisboa	Barcelona	São Paulo
Bairros criativos	Bairro Alto Bica Chiado	Bairro de Gràcia Bairro do Raval	Vila Madalena
Espaços alternativos/emergentes	Martim Moniz	Bairro de Roquetes	
Territórios e instituições socioculturais e de conhecimento	Cidade Universitária F.C. Gulbenkian Centro Cultural de Belém C. M. Oeiras	Centros de I&D da UAB Centros de I&D da UOC CCCB MACBA	Rede SESC USP BNDES
Investimentos/Projetos urbanos de larga escala	Alcântara Parque das Nações Eixo A5 Arco Ribeirinho Sul	Projeto 22@	Bom Retiro Luz Cidade Itaú
Projetos sociais e culturais de gênese local	Santos Design District Fábrica Braço de Prata Ass. Pais Telheiras Comp. Teatro Almada ZBD, Chapitô LX Factory, Experimenta Design, Luzboa, Doçlisboa	Festival Sonar	Rede CEU Movim Nossa São Paulo Fashion Week
Classes sociais e/ou profissionais	Artistas contemporâneos Arquitetos, Designers Investigadores C&T	Artistas contemporâneos Arquitetos, Designers	Artistas contemporâneos Classes desfavorecidas Agentes empresariais

Os “bairros criativos” são valorizados pelo seu elevado capital simbólico, pela forte componente cultural, e ainda pelas vertentes do turismo e da boemia. Os espaços alternativos/emergentes são ocupados por classes sociais ou grupos que detêm uma elevada diferenciação (artistas, imigrantes), e na maioria das situações existem em espaços intersticiais/expectantes da cidade institucional e urbanística, com rendas baixas. Por seu lado, as instituições de cultura e conhecimento aliam, na maioria das vezes, uma forte capacidade institucional e consideráveis recursos – tal é o caso de fundações culturais de renome, de

reputados centros universitários, ou de instituições socioculturais fortemente implantadas nas estruturas urbanas (como é o caso dos SESC em São Paulo). Com forte imagética e significância sociomediática desde há décadas (Borja e Castells, 1997; Jessop, 2002), os investimentos urbanos de larga escala envolvem um estatuto de prioridade política, uma forte visibilidade social e simbólica, e ainda uma perspectiva de metavivência geográfica face a estratégias de escala regional e de finança global. Os múltiplos projetos sociais e culturais de gênese local que emergem pelas mais diversas malhas urbanas, são quase exclusivamente

de responsabilidade privada ou comunitária/ associativa. Tal como nos espaços expectantes, contemplam dinâmicas desenvolvidas por grupos/associações da mais variada ordem. Incluem-se aqui desde projetos de qualificação de bairros (da afirmação simbólico-cultural do *Santos Design District* à criatividade socioeducativa da Associação de Pais de Telheiras, em Lisboa), até projetos de influência à escala da grande cidade (como o movimento cívico Nossa São Paulo). Também muito referidas, as classes sociais e profissionais percepcionalmente mais ligadas à criatividade e bem próximas das tipologias profissionais recentemente definidas neste campo. De salientar que os entrevistados de São Paulo colocaram ênfase nas classes mais pobres e nos agentes econômicos e empresários – na perspectiva de que a sua própria sobrevivência depende, antes de tudo, da sua capacidade criativa.

Prosseguindo as metodologias previstas pelo projeto (e em paralelo com exercícios analíticos como os efetuados nos pontos seguintes deste artigo) foram escolhidas 10 situações para o desenvolvimento de estudos de caso,⁷ de forma a aprofundar as análises e hipóteses aqui abertas. Dos resultados desses estudos se dará conta noutra oportunidade.

O metabolismo da criatividade urbana

As múltiplas propostas e reflexões, por parte dos entrevistados, perante os diferentes tipos de atores, de espaços e de processos mais conectáveis com formas distintivas e sustentáveis de criatividade na cidade, foram sistematizadas

no âmbito de um processo metodológico que contemplou não só conjugações tipológicas já desenvolvidas por reconhecidos investigadores, como novas propostas de composição desenvolvidas no âmbito desse projeto e das suas próprias construções teóricas e observações empíricas.

É importante reconhecerem-se inevitáveis limitações inerentes a um exercício experimental, no caso, de conjugação sistêmica do metabolismo de criatividade na cidade. Especialmente quando um dos objetivos centrais do projeto se coloca na construção de propostas de políticas urbanas, perante panoramas (de formação, de conhecimento, de administração) ainda muito modernistas e setorializados. Não obstante esse reconhecimento, e como processo inicial de tratamento dos resultados dos primeiros inquéritos, são aqui sugeridas duas propostas de leitura: uma baseada nos atores urbanos e uma seguinte mais fundada nos seus espaços e tempos.

Assim, e em primeiro lugar, utilizamos (e adaptamos) a recente composição sistêmica proposta por Amin e Roberts (2008), denominada “variedades de conhecimento situado”, composição que conjuga diferentes tipos de atividade técnico-profissional com bases e práticas de formação e de aprendizagem, bem como de interação social e organizacional (Quadro 2).

Os entrevistados evidenciaram quase exclusivamente os “peritos” (e ainda, embora menos, os “virtuais”) como aqueles cuja atividade detém e implica uma criatividade elevada. Realce-se que nessa “classe tipológica” se incluem não só os tipos de atividade ligados a uma *expertise* cuja formação e níveis de exigência podem ser consideráveis, mas também

Quadro 2 – Ecosistema da criatividade urbana I
(adaptado de Amin e Roberts, 2008)

Bases Dinâmicas sociourbanas vs. Tipo de atividade	Tipo de conhecimento	Interação social formas de comunicação/ proximidades/redes sociais	Tipo de inovação	Dinâmicas organizacionais
Base artesanal	Conhecimento incorporado Estético	Aprendizagem face a face Demonstrabilidade confiança pessoal	Inovação por recorrência Incremental	Organização hierárquica
Base profissional	Conhecimento especializado e declarativo	Interação reduzida Mudança lenta Confiança Institucional	Inovação incremental	Grandes Pesadas organizações
Peritos e criatividade elevada	Conhecimento especializado e exploratório Rápida mudança nos padrões de conhecimento	Fortes padrões de comunicação Mudança rápida Confiança baseada no conhecimento	Inovação radical	Grupos Gestão de projetos
Virtual	Conhecimento codificado e exploratório Rápida mudança nos padrões de conhecimento	Hiper-comunicação de base tecnológica fracos laços sociais	Inovação incremental a radical	Dinâmicas abertas e auto-gestionárias

outras atividades – designadamente, as artísticas – que não envolvem necessariamente pesados tempos de formação, embora decerto incluindo elevados graus de exigência – e de exposição. As características desse tipo de “conhecimento localizado” propostas na matriz de Amin e Roberts entrecruzam-se, efetivamente, com as perspectivas mais referidas pelos nossos inquiridos, nestes âmbitos: uma estimulante convivência com um caráter de rápida mutação de partes importantes do conhecimento, e daí uma grande relevância não só para os processos exploratórios e para a inovação radical, como para o próprio reconhecimento, inserção em redes e confiança social, muito baseado na atualidade do conhecimento; e a necessidade/exigência de elevados padrões de interação

social, por sua vez fortemente ligada a grupos formadores de projetos.

A segunda proposta de interpretação ecossistêmica da criatividade urbana tem igualmente uma perspectiva metabólica, seguindo as propostas interpretativas de Ferrão (2003) e de Seixas (2006) para o entendimento da cidade e da sua sociopolítica como elementos ecológicos, com âmbitos inter-relacionais de espaços/paisagens (o corpo da cidade), de redes/fluxos (o sangue da cidade), e de cultura/cosmopolitismo (a alma da cidade). Estruturaram-se assim 4 tipologias de espaços-tempo urbanos, a partir das representações expressas pelos entrevistados: a) a cidade compacta; b) a metacidade informacional; c) a cidade simbólica; d) a cidade intercultural (Quadro 3).

Quadro 3 – Eossistêmica da criatividade urbana II

Tipos de cidades vs. ecologia urbana	Cidade compacta	Metacidade informacional	Cidade simbólica e de consumo	Cidade intercultural
Espaços e paisagens	Bairros criativos. Espaços em requalificação e emergentes	Universidades e parques tecnológicos, investimentos de larga escala	Espaços imaginários e ficcionais, projetos de gênese local	Espaços multifuncionais e heterogêneos, projetos de gênese local
Redes e fluxos	Quotidianos sociais Proximidade	Conhecimento Inovação Talento Tecnologia	Conhecimento Inovação Talento Tecnologia	Diversidade Quotidianos sociais Experimentação Tolerância
Cultura e cosmopolitismo	Diversidade	Singularidade	Singularidade	Diversidade

a) O tipo de cidade mais referido nas entrevistas dirigiu-se como esperado na perspectiva da cidade compacta – uma perspectiva não necessariamente clássica da cidade, embora apelando a princípios de vivência, de condição e de paisagem urbana, cognitivamente mais claros – e na detenção de condições para uma vivência quotidiana em espaços de proximidade e de ótima mobilidade, possibilitando assim elevada convivência social e, justamente, dinâmicas de grupo (nomeadamente entre diferentes) catalisando-se cruzamentos, trocas e oportunidades. Essas são as linhas que mais destacam os bairros criativos, bem como os espaços emergentes – pós-industriais ou pós-habitacionais, abandonados – normalmente em zonas consideravelmente centrais da respectiva metrópole. Destaca-se a relevância do contato pessoal, para o “cruzar de fronteiras que permita que a criatividade se replique e se expanda” (como referiu um dos entrevistados). Embora baseada nas relações sociais, essa perspectiva incide sobretudo na relevância da compacidade e da proximidade urbana. A diversidade (social

e econômica) é uma das condições estruturantes mais referidas, salientando-se a necessidade de coexistência de diferentes tipos de espaços, funcionalidades e tipologias. Outras condições sugeridas realçam a importância de elementos diferenciais que estimulem e inquietem. Pressupõe-se a existência de um problema/tensão ou de uma oportunidade – sendo que, nesse sentido, um bairro “normal” pode não ter nem grandes problemas nem grandes oportunidades.

b) A perspectiva da metacidade informacional dirige-se a uma visão hipermoderna dos atuais sistemas urbanos, fortemente difusos no espaço e no tempo e essencialmente estruturados por arquipélagos de redes e nós de informação e de transações. Essa perspectiva é menos referida pelos agentes de ordem mais cultural, mas em contrapartida é muito evidenciada pelos agentes econômicos e institucionais. Para estes, os componentes do conhecimento, da ciência e da tecnologia são os maiores motores para a sinergia da criatividade urbana. São referidos setores e clusters

com maiores potencialidades no âmbito das tecnologias de ponta e da inovação. Foi referida a relevância da diferenciação nos modelos de consumo e de produção e, nesse sentido, a necessidade de aposta na singularidade dos modelos de produção e de *design* de produtos e de serviços. Essas perspectivas pressupõem elevados padrões de conexão quotidiana na metápolis em permanente estruturação.

c) A perspectiva da cidade simbólica e de consumo entende que mais importante que a cidade física e social, é a cidade menos tangível: a cidade ficcional e imaginada, a cidade desejada e dos sonhos, mesmo a cidade dos afetos. Uma cidade semivisível, mas grande estruturadora da sua própria construção, construída pela singularidade das experiências – e experimentações – de cada agente. Nesse sentido, são vitais os âmbitos orgânicos, no desenvolvimento das mais variadas dinâmicas e projetos, nomeadamente de âmbito social e cultural. Como referiu um dos entrevistados, “uma cidade será tanto mais rica quanto mais diversidade de ficções poder ter. A riqueza da cidade é e será a memória das pessoas e o seu eterno reavivar e retransformar, numa perspectiva de vivência sobretudo emocional”.

d) A perspectiva da cidade intercultural invoca ambientes de diversidade e de tolerância que propiciem a exponenciação da criatividade pelo confronto com as assimetrias e as diferenças – incluindo diferenças económico-sociais. Sugere-se um muito menor controle ou mesmo planeamento, preferindo-se mesmo ambientes de uma certa instabilidade e desorganização. A incerteza e a tensão, criadas através da existência de elementos que inquietem, surgem como motores capazes de

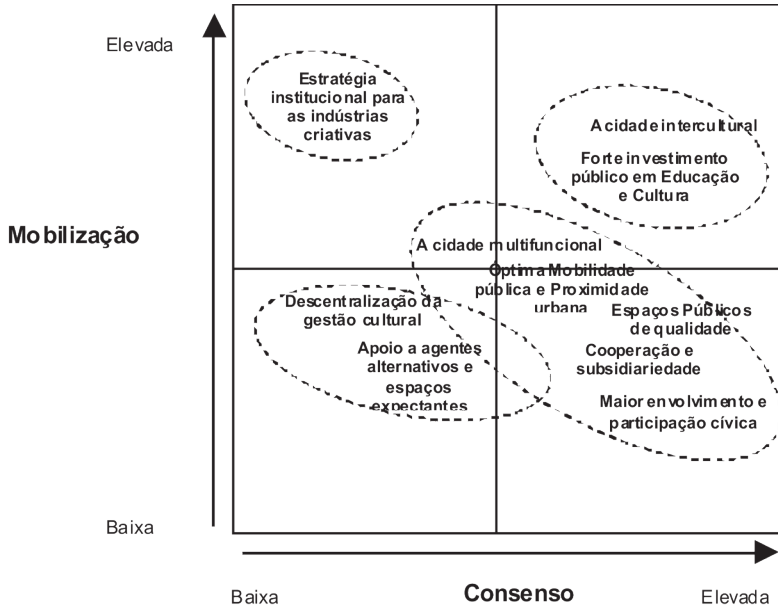
criar oportunidades para o desenvolvimento da criatividade e de dinâmicas e processos que propiciem novos conhecimentos e aberturas.

Graus de consenso e de mobilização face à criatividade urbana

É um fato inegável que a relação entre criatividade e desenvolvimento urbano contempla um debate sociocultural, político e acadêmico de crescente intensidade, desde pelo menos o início desta década (Scott, 2006). Não obstante, existem ainda “vastos campos a necessitar de maior debate, esclarecimentos e mesmo de novas abordagens” (ibid.), em múltiplos domínios. Face a esse panorama de novas aberturas e questionamentos, as inquirições nas 3 metrópoles prosseguiram, justamente, pelo teste de hipotéticas dimensões de ação – não só no tipo de espaços e de agentes sentidos como de maior potencial (seção anterior), mas ainda na perspectiva das temáticas (ou melhor, dos panoramas de estruturas e de processos, sociais, económicos, culturais e evidentemente políticos) mais vitais para o reforço da vitalidade criativa nos variados “meios” e configurações sociogeográficas da cidade.

Nesses âmbitos, a equipa do projeto desenvolveu um exercício integrado de ordem qualitativa e comparativa – seguindo, nomeadamente, metodologias similares às propostas pela reconhecida análise prospectiva e estratégica de atores (Godet, 1993) – aquilatando dos graus de consenso (em primeiro lugar) e de mobilização (em segundo), perante as diferentes hipóteses enfatizadas (Figura 1).

Figura 1 – Temas vitais para a criatividade urbana
Graus de mobilização e de consenso
(de acordo com as entrevistas realizadas nas 3 metrópoles)



Uma primeira leitura do espectro global dos posicionamentos das propostas sociopolíticas face à criatividade urbana parece mostrar que os graus de consenso sobre o que fazer são relativamente superiores aos graus de efetiva mobilização – o que traduz não só um ainda muito importante diferencial entre discurso e ação, mas também possíveis fragilidades nos próprios discursos, que poderão acabar por traduzir, afinal, frágeis consensos.

Não obstante, e em segundo lugar, os resultados revelam perspectivas muito interessantes de conjugação entre mobilização e consenso:

1) Existem dimensões que, embora bastante referidas, não colhem fácil consenso – como o apoio a agentes e a espaços alternativos

de criatividade, bem como a necessidade de uma efetiva descentralização na gestão e programação cultural na cidade;

2) Confirma-se também uma importante ênfase (nomeadamente nos agentes privados e nos peritos) na necessidade de construção de estratégias próprias para as indústrias criativas e na criação de organismos públicos/para-públicos dirigidos explicitamente para estas dimensões. Mas também essas propostas traduzem consensos ainda débeis;

3) As propostas mais ancoradas na disponibilização de qualidade de vida à generalidade das sociedades urbanas (e em tudo o que esse amplo conceito pode acarretar, dos espaços públicos de qualidade à boa mobilidade, da multifuncionalidade a uma maior participação

cívica) detêm considerável consenso. Porém, bem menores mostram ser os respectivos graus de mobilização – nesse espectro de agentes entrevistados – para tais temáticas consideradas vitais;

4) Finalmente, as dimensões do fomento intercultural e as propostas de investimento nas áreas educativa e cultural mereceram grande consenso. Embora os correspondentes graus de mobilização não correspondam de ordem similar a tal consenso, estes não deixam de ser superiores aos mais ligados às dimensões especificamente mais urbanas.

Processos de governança para a criatividade na cidade

Charles Landry perguntava-se, em 2003, qual o possível lugar da criatividade nas necessárias (re)estruturações cognitivas e socioculturais e, conseqüentemente, políticas, em torno da cidade e da sua governação. A pergunta mantém-se firme. Uma década de confrontação entre as estruturas sociopolíticas da cidade e o crescente reconhecimento da criatividade como elemento-chave de novos paradigmas, parece estar a mostrar como a maioria daquelas se encontra ainda demasiado estática e autocomplacente para se permitir, a elas próprias, suficientes doses de criatividade na administração e governação das suas respectivas urbes.

Este é, porém, um panorama que paulatinamente se tem alterado. Mais numas cidades que noutras, decerto. Muito particularmente naquelas onde, por variados contextos e processos de governação e de planeamento

urbano, têm entrado (e assim influenciado) novos atores e novos profissionais, de novas gerações de profissionais a diferentes tipos de atores cívicos: não necessariamente mais criativos *a priori*, mas trazendo distintas bases de conhecimento e de exigência e, por outro lado, distintas formas de interação social. Ao ponto de, potencialmente, estarem a alterar dinâmicas organizacionais, mesmo em pesadas administrações públicas e municipais. Kunzmann (2004), a esse propósito, desenvolveu uma lista de “atores criativos” para os processos de gestão e de governação nas cidades, de líderes políticos que desenvolvem novas visões, a planeadores imaginativos, passando por *think tanks* de investigadores independentes, e por artistas, imigrantes, jornalistas, grupos cívicos com considerável empenho e tenacidade.

E aqui a governança urbana mostra-se elemento particularmente estimulante para a inclusão de diferentes atores na sociopolítica urbana. Mesmo quando há que reconhecer que esta será apenas uma das faces da governação – em conjunto com a administração pública, e com a sociocultura ou o cosmopolitismo de uma dada sociedade urbana.

Como sabemos, o debate em torno da governança urbana tem tido um crescente relevo em múltiplos aréopagos. Por um lado, pelo seu enfoque nas formas de conjugação entre os atores sociais, entre diferentes culturas e dinâmicas, no sentido da construção e responsabilização para objetivos comuns. Por outro lado, pela atenção à construção de processos de cooperação e de formas de condução política e cultural mais plurais (Seixas, 2007). Esse potencial tem feito com que o conceito de governança urbana tenha sido, em significativa medida, apropriado não só

Quadro 4 – Vetores de governança como catalisadores de criatividade na cidade (adaptado de Seixas, 2007, e de acordo com as entrevistas realizadas nas 3 metrópoles)

Vetores de governança urbana	Instrumentos de governança urbana	Propostas dos inquiridos
Vetores de debate conjunto	Disseminação de informação	A existência e ampla divulgação de informação e de conhecimento (incluindo conhecimento científico) é um dos mais importantes vetores de transparência democrática, de inclusão sociopolítica e de corresponsabilização
	Fóruns e <i>workshops</i> de debate	Instrumentos de participação de determinados agentes representantes de interesses concretos e/ou da sociedade civil em geral
	Envolvimento cívico participativo	Desenvolvimento de instrumentos de participação dos agentes da sociedade civil nos processos de reflexão e de decisão política na cidade
Vetores de estratégia conjunta	Construção conjunta de estratégias coletivas	Processos e espaços de discussão, de concertação e de contratualização entre diferentes atores, envolvendo-os em corresponsabilização para um projeto coletivo
	Envolvimento cívico deliberativo	Fomento da corresponsabilização social, e do aumento dos graus de motivação cultural para o envolvimento social nas próprias decisões políticas
Vetores de administração e de responsabilização conjunta	Processos de descentralização e reformulação de competências	Reconfigurando responsabilidades a diferentes níveis, do metropolitano/regional, ao da comunidade/bairro
	Cooperação vertical (público-público)	Aprofundando ações baseadas nos princípios da subsidiariedade e da reciprocidade entre os diferentes níveis da administração
	Cooperação horizontal (público-público)	Ampliando as políticas e ações de corresponsabilidade horizontal, especialmente aos níveis mais locais
	Cooperação externa e internacional	Expansão de iniciativas de interrelação e de ação conjunta entre agentes públicos e privados de territórios e de cidades diferentes
	Parcerias público-privadas	Desenvolvimento de projetos e ações de trabalho conjunto entre o setor público e o setor privado
	Processos de avaliação	Existência de linhas de questionamento e de análise crítica de natureza independente (e de preferência científica), no sentido de uma efetiva valoração e responsabilização das ações

por teóricos da ação coletiva, mas também por diversos círculos culturais, políticos e mesmo administrativos, tendo mesmo já entrado em muita da semiótica discursiva, justificando a existência ou a alteração de determinadas estruturas. Uma situação que em simultâneo tem trazido, sem surpresas, um aumento da dubiedade na materialização do conceito, pe-

rante a abertura de perspectivas e de justificações substancialmente distintas umas das outras (ibid.). Porém, e não obstante todas essas atenções, o potencial da governança urbana como veículo catalisador da criatividade parece-nos fortemente pertinente, no aprofundamento dos trabalhos teóricos e empíricos do projeto.

Diversas questões se abrem. Que estruturas e processos de governança melhor poderão potencializar a criatividade urbana? Que estruturas e dinâmicas inerentes à política na cidade (em termos públicos, cívicos, coletivos) potencializadoras de uma boa e democrática interligação entre a política e a criatividade na cidade? E, inversamente, que estruturas de criatividade para uma qualificação da própria governação? Sob que espaços e sob que processos de ambas se poderá consolidar uma elevada sinergia no sentido da qualificação (isto é, no sentido da vitalidade, da competitividade e da sustentabilidade) urbana?

Essas são questões que apelam a uma leitura sistematizada dos possíveis múltiplos vetores de governança – e, nesse sentido, do alinhamento das propostas feitas pelos nossos inquiridos. O Quadro 4 mostra assim as linhas de governança mais referidas por estes, sistematizadas no âmbito de uma proposta de vetores de governança desenvolvida por Seixas.

Conclusões

Na sua monumental obra *Cities in Civilisation* (1998), Peter Hall demonstrou-nos como a criatividade sempre se colocou como elemento central na afirmação das cidades e das respectivas sociedades a elas ligadas. Uma criatividade de originada em diferentes referências – cultural, intelectual, tecnológica, social e organizacional – e que maiores sinergias desenvolve quando, justamente, são maiores as transversalidades entre essas distintas referências ou dimensões. Mesmo – ou sobretudo – quando se instalam inevitáveis tensões e diferenciais.

Tensões e conexões cujo jogo se estabelece em meios (*milieux*) de base – e de sistema – urbana, e onde se afigura essencial, como vimos, a existência de determinados atributos de nexos espaço-temporal, nomeadamente os referentes a níveis de densidade e de diversidade das atividades e paisagens humanas.

Mas essa é uma equação espaço-temporal que sempre teve uma geografia variável – constatação particularmente evidente para os dias de hoje, face a uma cidade – e sociedade – sob transformações (ou crises, como alguns chamam) de base paradigmática. Quais, assim, as chaves para a criatividade na cidade, questiona Hall (*ibid.*), e questionamos-nos nós, na presente busca de novas perspectivas teóricas, e na crescente pressão face à urgência de respostas empíricas.

Pretendeu-se com este texto sistematizar alguns dos primeiros resultados do projeto de investigação *Creatcity*, projeto proveniente desses questionamentos. Os resultados aqui apresentados são construções teórico-práticas sustentadas nas perspectivas, potencialidades e racionais de atuação sociopolítica defendidas por um conjunto de atores “pensantes” das 3 metrópoles sob análise (Lisboa, Barcelona, São Paulo). Encontrando-se presentemente a equipa do projeto em aprofundamento das construções aqui propostas, importa destacar um conjunto de direções que aqui se nos afiguraram (e que entretanto se têm reforçado) como determinantes.

a) Consolidando o papel da criatividade (urbana) como elemento determinante no desenvolvimento (humano), não só sob novos prismas de interpretação como, também, de reconhecimento do seu próprio efeito e valor acrescentado. Aqui, colocar-se-á sobretudo

a questão do lugar da cidade – e do que ela traduz e contém – no teatro da epistemologia do desenvolvimento humano, procurando ultrapassar, quer a rigidez modernista e setorial, quer as desconstruções neoliberais e pós-modernistas, pela paulatina construção de propostas mais multidimensionais e transversais.

b) Destacando ainda as incertezas e riscos associados aos debates e sobretudo às retóricas em torno da “cidade criativa”, não negando as ainda frágeis fundações conceituais e inevitavelmente políticas nela centradas, são ainda incertas as respostas a questões aparentemente tão diretas como: qual o lugar das políticas de fomento da criatividade na cidade, no cômputo global das políticas urbanas; quais as prioridades; como articular (ou desconstruir) a dicotomia nas lógicas de atuação em torno da criatividade, aparentemente polarizadas entre “Indústrias/atividades Criativas” e a “Criatividade Urbana”, nos seus sentidos mais amplos e democráticos. Repare-se como, neste último âmbito, se o racional mais evidente mostra ser o das “indústrias criativas” (numa convergência em forte sedimentação face à crise econômica e aos crescentes redirecionamentos das políticas de desenvolvimento), constata-se igualmente que essa convergência não deixa, não poucas vezes, de ser dirigida por visões de crescimento de uma economia sustentada ainda por velhas lógicas e racionalidades de política econômica e industrial (Evans, 2009), designadamente face a investidores ou agentes com poucas ou nulas conexões socioculturais com *stakeholders* e com redes relacionais mais locais.

c) Concentrando grande atenção em novas formas de intervenção sociopolítica sobre e com a cidade, face à criatividade. Muito

nomeadamente, nos âmbitos da “governança da criatividade”, e respectiva construção de políticas públicas no sentido da vitalidade criativa na cidade – dimensões sociopolíticas onde tem particular (mas não absoluta) relevância a dimensão da governança da criatividade. Reconhecendo o papel da experimentação como essencial para a própria criatividade social e política, e como tal colocando a governança – que, nos seus processos, instrumentos e práticas de ação pública, privada e cívica, baseia-se em panoramas de construção de dinâmicas relacionais, de simbologias e de reputações, entre diferentes atores – como ativo político também central para o catalisar da criatividade na cidade. Foi nesse sentido, justamente, que se sistematizaram as propostas dos inquiridos em quadro de grandes vetores e de instrumentos de governança para a cidade.

As diferentes perspectivas face à cidade e à sua emancipação conduziram a diferentes percepções e respostas de racionais de ação sociopolítica em seu torno, inclusive face à própria governança urbana. Este texto procurou espelhar tais racionais políticos, no sentido concreto do desenvolvimento da criatividade na cidade. Não obstante uma inerente (e salutar) diversidade de perspectivas, a importância de elementos urbano-espaciais tais como a diversidade (em proximidade) de diferentes tipos de atores, suas práticas transacionais, de mobilidade e de dinâmica quotidiana; a par de elementos-chave na esfera governativa (local e de sistema urbano) tais como a abertura, a flexibilidade, a pró-atividade e a correspondente capacidade de mutação organizacional; e ainda a formação e disseminação de informação e de veículos de debate e de corresponsabilização; afiguram-se elementos estruturantes para

o reforço da governança e da criatividade na cidade contemporânea. Uma governança reforçada que poderá assim permitir, ela própria,

a multiplicação de agentes, de processos e de projetos criativos pelos mais diversos espaços e tempos urbanos.

João Seixas

PhD. em Geografia Humana, Investigador Auxiliar ICS-UL, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. Lisboa, Portugal.

jseixas@ics.ul.pt

Pedro Costa

PhD. em Planeamento Regional e Urbano, Professor Auxiliar ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa (Dep. Economia Política) / DINÂMIA-CET. Lisboa, Portugal.

pedro.costa@iscte.pt

Notas

- (*) Este artigo baseia-se no trabalho decorrente da primeira fase do projeto de investigação Creatcity (“Uma cultura de governança para a cidade criativa: vitalidade urbana e redes internacionais”), projecto financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT/MCTES): PTDC/AUR/65885/2006, desenvolvido no Dinâmia/CET por uma equipa coordenada por Pedro Costa. O artigo, publicado em versão aproximada em Portugal na revista *Cidades – Comunidades e Territórios*, aprofunda um *working paper* (Costa, Seixas e Roldão, 2009). “From Creative Cities to Urban Creativity? Space, Creativity and Governance in the Contemporary City”, Dinâmia WP nº 2009/80). Os autores agradecem a colaboração de Ana Roldão, coautora do documento de trabalho inicial.
- (1) Que, entretanto, um pouco por todo o mundo começaram a ser identificadas e mapeadas, não sem polémica (veja-se Costa et al., 2008).
- (2) No âmbito das abordagens em torno da valorização do capital humano (veja-se, p.ex., Glaeser 2004).
- (3) Veja-se a este propósito Scott, 2006; Costa et al., 2007; Costa 2008; bem como as análises com enfoque no conceito de meios ou espaços inovadores (*innovative millieux*), por exemplo, em Hall (1998) ou em Camagni et al. (2004).

- (4) A escolha destas três metrópoles sucedeu-se não pelo pressuposto de se pretender efetuar de forma explícita uma análise comparativa da situação geral ou das dinâmicas criativas nelas, mas sobretudo na perspectiva de focar três territórios urbanos com características e realidades distintas (na sua dimensão, questionamentos socioespaciais, nas suas oportunidades e constrangimentos na sinergia da citalidade e da criatividade urbana, nas suas estruturas de articulação metropolitana, de institucionalização administrativa e de formas de governança), mas com complementaridades para os exercícios analíticos a prosseguir, muito nomeadamente na observação das dinâmicas criativas diversificadas mas, justamente, intercruzáveis, e como tal sistematizáveis. Na prática, pretendeu-se analisar as dinâmicas criativas nos espaços urbanos com características distintas, dentro da cidade, e não entre cidades. Observar e analisar cientificamente 3 cidades distintas, com características diversas, permitiu à equipa explorar situações diversificadas em termos sociais, econômicos, culturais, geográficos e políticos, facilitando assim a escolha de estudos de caso diversos e contrastados, com um potencial mais abrangente para a compreensão das lógicas criativas para a cidade, a sociedade e a economia urbana de hoje.
- (5) P.e., para Csikszentmihaly (1996), a criatividade é entendida “qualquer ato, ideia ou produto que altera um determinado estado-da-arte, ou que transforma uma dada situação, numa outra”.
- (6) E muitos o foram apenas bem depois do seu tempo, como sabemos.
- (7) Os dez estudos de caso (desenvolvidos durante o ano de 2009) repartem-se da seguinte forma: a) Quatro estudos de caso em Lisboa – um ‘bairro criativo’ (Bairro Alto / Chiado); uma zona pós-industrial (Alcântara) envolvendo projetos culturais e considerável mediatização; uma zona alternativa/expectante da cidade, com forte multiculturalidade e diversidade étnica e cultural (Martim Moniz); uma zona semiperiférica (centro de Almada) com dinâmicas socioculturais interessantes e ainda pouco analisadas; b) Três estudos de caso em Barcelona – um ‘bairro criativo’ (Gràcia); uma grande operação de requalificação urbana associada a novos clusters e tecnologias (projeto 22@); um projeto sociocultural de base local, desenvolvido por um coletivo de agentes criativos num espaço industrial abandonado (Associação Palo Alto); c) Três estudos de caso em São Paulo – um ‘bairro criativo’ (Vila Madalena); um projeto cultural e econômico com elevado suporte sociopolítico (São Paulo Fashion Week); uma instituição sociocultural com importante papel de inserção local e de emancipação educacional das populações (SESC – São Paulo).

Referências

- AMIN, A. e ROBERTS, J. (2008). *Community, Economic Creativity and Organisation*. Oxford University Press.
- BODEN, M. (1990). *The creative mind: myths and mechanisms*. Londres, George Weidenfeld e Nicolson.
- BORJA, J. e CASTELLS, M. (1997). *Local and Global – Management of Cities in the Information Age*. Londres, Earthscan Publications.
- CAMAGNI, R.; MAILLAT, D. e MATTEACCIOLLI, A. (eds.) (2004). *Ressources naturelles et culturelles, milieux et développement local*. Neuchatel, EDES.

- CAVES, R. (2002). *Creative Industries: contracts between art and commerce*. Cambridge /Londres, Harvard University Press.
- CE/KEA (2006). *The Economy of Culture in Europe*. Brussels, CE-KEA.
- CLARK, T. N. (Ed.) (2004). *The City as an Entertainment Machine*. Amsterdã, Elsevier.
- COSTA, P. (2008). Creative Milieus, Gatekeepers and Cultural Production: evidence from a survey to portuguese artists. *Review of Cultural Economics*, v. 11, n. 1, Korea Association for Cultural Economics, pp. 3-31.
- COSTA, P.; VASCONCELOS, B. e SUGAHARA, G. (2007). O meio urbano e a génese da criatividade nas actividades culturais. *Recrutar e valorizar o território*. Actas do 13º congresso da APDR, Açores, 5-7 Julho 2007; Coimbra: APDR
- COSTA, P.; MAGALHÃES, M.; VASCONCELOS, B. e SUGAHARA, G. (2008). On 'creative cities' governance models: a comparative approach. *The Service Industries Journal*, 28:3, pp. 393-413.
- COSTA, P.; SEIXAS, J., e ROLDAO, A. (2009). From Creative Cities to Urban Creativity? Space, Creativity and Governance in the Contemporary City. Actas da Conferência EURA/UAA City Futures 09 – City Futures in a Globalising World, Madrid
- CSIKSZENTMIHALYI, M. (1996). *Creativity: flow and the psychology of discovery and invention*. Londres, Harper Collins.
- EVANS, G. (2009). Creative cities, creative spaces and urban policy. *Urban Studies*, 46, pp. 1003-1040.
- FERRÃO, J. (2003). “Intervir na cidade: complexidade, visão e rumo”. In: PORTAS, N.; DOMINGUES, A. e CABRAL, J. (coord.). *Políticas Urbanas – Tendências, estratégias e oportunidades*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- FLORIDA, R. (2000). *The rise of the creative class, and how it is transforming work, leisure, community and everyday life*. Nova York, Basic Books.
- GLAESER, E. (2004). *Review of Richard Florida’s ‘The rise of the creative class’*. Harvard Papers.
- GODET, M. (1993). *Manual de prospectiva estratégica: da antecipação à acção*. Lisboa, Publicações D. Quixote.
- GUERRA, I.; MOURA, D.; SEIXAS, J. e FREITAS, M. J. (2006). A Revitalização Urbana – Contributos para a definição de um conceito operativo in Cidades. *Comunidades e Territórios*, n. 12-13, Centro de Estudos Territoriais, ISCTE
- HALL, P. (1998). *Cities in civilisation*. Nova York, Pantheon Books.
- _____ (2000). Creative cities and economic development. *Urban Studies*, 37 (4), pp. 639-649.
- HEALEY, P. (2004). Creativity and urban governance. *DISP*, n. 158, pp. 11-20.
- HELBRECHT, I (2004). Bare geographies in knowledge societies. Creative cities as text and piece of art: two eyes, one vision. *Built Environment*, 30 (3), pp. 194-203.
- HOYMAN, M. e FARICY, C. (2009). It Takes a Village: a test of the creative class, social capital and human capital theories. *Urban Affairs Review*, v. 44, n. 3, pp. 311-333.
- HUTTON, T. (2009). Trajectories of the new economy: regeneration and dislocation in the inner city. *Urban Studies*, n. 46, pp. 987-1001.

- JESSOP, B. (2002). "Liberalism, neoliberalism, and urban governance". In: BRENNER, N. e NIK, T. (ed.) *Spaces of neoliberalism. Urban restructuring in North America and Western Europe*. Oxford, Blackwell Publishers.
- KUNZMANN, K. (2004). An agenda for creative governance in city regions. *DISP*, n. 158, pp. 5-10.
- LANDRY, C. (2003). *The creative city. A toolkit for urban innovators*. Londres, Earthscan.
- MARKUSEN, A. (2006). Urban development and the politics of a creative class: evidence from the study of artists. *Environment and Planning A*, v. 38, n. 10, pp. 1921-1940. [266]
- MUSTERD, S. (2006). Segregation, urban space and the resurgent city. *Urban Studies*, 43 (8), pp. 1325-1340.
- NESTA (2006). "Creating Growth - How the UK can develop world class creative business". Londres, NESTA Research Report.
- O'CONNOR, J. e WYNNE, D. (ed.) (1996). *From the Margins to the Centre: Cultural production and consumption in the post-industrial city*. Aldershot, Arena.
- OCDE (2005). *Culture and Local Development*. Paris, OECD.
- PECK, J. (2005). Struggling with the creative class. *International Journal of Urban and Regional Research*, v. 29, n. 4, pp. 740-770.
- RATO, B.; MÜHLHAN, O. e ROLDÃO, A. (2009). A typology of creative cities in the world - lessons learned. Paper presented to the UPE 8th International Symposium, March 23rd–26th, Kaiserslautern, Germany.
- SCOTT, A. J. (2006). Creative cities – Conceptual issues and policy questions. *Journal of Urban Affairs*, 28 (1), pp. 1-17.
- SEIXAS, J. (2006). A reinvenção da política na cidade – perspectivas para a governação urbana in cidades. *Comunidades e Territórios*, n. 12-13, Centro de Estudos Territoriais, ISCTE
- _____ (2007). Redes de Governança e de Capital Social. *Cidades, Comunidades e Territórios*, n. 14, Centro de Estudos Territoriais, ISCTE.
- _____ (2008). *A criatividade urbana; sua relação com a qualificação, a competitividade e a vitalidade das cidades; sua relação com a governança urbana e a política das cidades*. Documento de trabalho interno à equipa Creatcity, policopiado.
- STORPER, M. e MANVILLE, M. (2006). Behaviour, preferences and cities: urban theory and urban resurgence. *Urban Studies*, 43 (8), pp. 1247-1274.
- UNCTAD (2008). *Creative Economy, Report 2008*, Geneve, UNCTAD.

Texto recebido em 4/ago/2010

Texto aprovado em 9/out/2010

Anexo I

Lista de entrevistas exploratórias realizadas

			Atuação Pública/Política	Consultoria/ Academia	Produção Criativa/Cultura
Lisboa					
L01	Manuel Salgado	Câmara Municipal de Lisboa, Vereação Urbanismo	X		
L02	Augusto Mateus	Augusto Mateus e Associados, Sociedade de Consultores		X	
L03	Domingos Rasteiro	Câmara Municipal de Almada, Departamento Cultura	X		
L04	Natxo Checa	Associação Cultural Zé dos Bois			X
L05	Rolando Borges Martins	Parque Expo, S.A.	X		
L06	Nuno Artur Silva	Produções Fictícias			X
L07	António Fonseca Ferreira	Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional de Lisboa e Vale do Tejo	X		
L08	Guta Moura Guedes	Experimenta Design			X
L09	Catarina Nunes	Ministério da Cultura	X		
L10	António Mendes Baptista	Secretaria de Estado do Ordenamento do Território	X	(X)	
Barcelona					
B01	Maravillas Rojo	Ajuntament de Barcelona, Agência Barcelona Ativa	X		
B02	Jordi Pascual	Agenda 21 Cultura de Barcelona	X		
B03	Oriol Nel·lo	Generalitat da Catalunya, Secretaria de Planeamento Territorial e Paisagem	X	(X)	
B04	Santiago Errando	Associação Cultural Palo Alto			X
B05	Josep Ramoneda	Centro de Cultura Contemporânea de Barcelona			X
B06	Oriol Clos i Costa	Ajuntament de Barcelona, Departamento Urbanismo	X		
São Paulo					
S01	Jorge Wilhelm	Jorge Wilhelm Consultores	(X)	X	
S02	Lidia Goldenstein	Consultora de Economia Criativa		X	
S03	Ana Carla Fonseca Reis	Garimpo de Soluções		X	
S04	Flávio Goldman	Prefeitura de São Paulo, Relações Internacionais	X		
S05	Bruno Feder	Empresa Regional Planejamento	X		
S06	Luis Bloch	Prefeitura de São Paulo, Secretaria de Planejamento	X		